

(...) tinha posto gelatina vermelha e âmbar no aro do ciclorama. Ele usava gelatina amarelo-laranja para as tardes românticas, gelatina azul-prata para as noites de lua. Gelatina vermelha e âmbar nos spots conferiam uma bela atmosfera sangrenta às batalhas.

São essas as cores de transparências gelatinosas de *A panelinha de breu*: batalhas sangrentas em tardes de abandono e noites de amor, fragmentos históricos da condição feminina encenados em estórias e experiências de muita dor. Casos de heroínas rolando no ciclorama, na parede do infinito, nas mil e uma invenções de Sherazade.

Letícia Malard

CARVALHO Alair Alves de.
Madrasta! e outras histórias.
São Paulo: Editora Scipione,
1988.

Uma grande sensibilidade no tratamento dos temas permite à autora dispor "lado a lado, de mãos dadas", literatura para pequenos e a grande literatura (literatura de gente grande?).

O livro admite, a um tempo, a presença da realidade agressiva ("Madrasta!"), delicada ("Novidades no antiquário"), irreverente e questionadora ("Graffiti") que acabam por fazer o seu encanto. Entremeiam-se ainda no seu referencial o romantis-

mo e a ingenuidade, acenados por "Garota do campo e garoto da cidade" e "Achados e perdidos", deixando perceber a razão de ter merecido o prêmio da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, na modalidade infanto-juvenil.

O volume fala, em tom leve e rápido - genialmente "correto" -, a um público classe-média e urbano, que convive com cinemas, restaurantes, colégios pagos, livros e antiquários. Reune cinco contos, narrados em primeira e terceira pessoas; seus protagonistas e narradores participam ativamente nos *flashes* da vida infantil e, indiretamente, da vida adulta que retratam. Problemas existenciais complexos se resolvem pelo enfoque do otimismo, que se acentua no tom apressado e irônico com que a narrativa é conduzida.

O prisma multicolorido de quem se "amarra em arco-íris", como o menino de "Graffiti", consegue iluminar as vivências particulares e universais que atingem a faixa etária a quem diretamente se destina o livro. Em "Achados e perdidos", Adão busca sua carteira de identidade e encontra pelo caminho Narciso, Pandora, "o canção que não pensa", e o simulacro platônico. Por essa via, arma um intrigante laço intertextual entre os grandes mitos e sua atualização - o clichê jornalístico impresso na seção de empregos. Seguindo e distanciando-se dos noticiários atuais que abordam, cada vez com mais frequência, os

dessa cidade" seu nome que o leitor acaba por não saber qual é. Encarna - pena que de forma um tanto óbvia - a necessidade de amor e de poesia no mundo impessoal e árido dos grandes centros urbanos. A sombra das madrastas, sempre a perseguir a vida tanto das Alices "que não moram no País das Maravilhas", quanto das que povoam as cidades, vê-se desmanchada pela incursão na escrita. O "Striptease em público?", despretensiosamente feito entre narrativas e diálogos, vai tecer nova fábula, contemporânea de Conselhos de Classe, orientadoras, Drs. Freuds, grilos e beijos em festa junina.

Conseguem conviver com os contos diversos tipos de leitores. Os que "trafega(m) naquele território indefinido entre as graças perdidas da infância e os novos charmes da adolescência". As Alines, bem intencionadas e utópicas, que trazem "novidades no antiquário", ao remexer candidamente na compreensão (im)possível entre gerações. E também qualquer outro a quem os temas, em suas variações, por certo não de interessar. Todos aqueles que quiserem abrir as "gavetas de sonho" oferecidas pela ficção de Alair Alves de Carvalho.

Maria do Carmo Lanna Figueiredo

BOAVENTURA CARDOSO.

O signo do fogo.

Porto: Edições Asa, 1992.

O romance organiza-se em torno de um processo de simbolização onde o universal se abre a matizações inerentes ao caráter nacional de Angola. Sob o "signo do fogo", Hefestos (ou Vulcano) - o ferreiro da mitologia clássica - tem o seu fogo simbólico transferido da ilha de Delos (ou Delfos) para esse país. O fogo é de autoconhecimento e se associa à práxis revolucionária dos angolanos na construção de sua nação.

Em Homero, Hefesto - o deus da forja divina - é um civilizador, como a deusa Atenas. Ele contribuiu para o desenvolvimento dos homens (obra do rebelde Prometeu) ao ensinar-lhes o trabalho, a técnica. Criou, dessa forma, a possibilidade de se lhes eliminar a miséria e a ignorância. Entretanto, Hefestos não foi cantado, na Antigüidade Clássica, pelos nobres, poetas, artistas e filósofos gregos. Eles viam sua imagem associada em demasia ao trabalho, por isso preferiram festejar Atenas, divindade mais ligada ao espírito.

Hefestos foi celebrado pelos artesãos e é nele que Boaventura Cardoso vai buscar analogicamente o "signo do fogo" de sua escrita. Nessa "forja" de palavras, interseccionam formas do imaginário clássico com aquelas da tradição de Angola, tal como